

A coleção “Obras reunidas de Hilda Hilst” da Editora Globo: materialidade dos livros e outras estratégias editoriais¹

Taynara do Nascimento IRIAS²
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

Resumo

Publicada pela Editora Globo entre 2001 e 2008, a coleção “Obras reunidas de Hilda Hilst” foi a primeira reedição das obras completas da escritora. Partindo da perspectiva de mediação editorial, de Chartier (2002), este trabalho analisa o contexto de publicação, a materialidade e outras escolhas editoriais adotadas nos volumes impressos dessa coleção, em comparação às primeiras edições³. A partir disso, observamos várias modificações – ou reescrituras – realizadas na organização das obras e buscamos identificar, embasando-nos em Lefevere (2007), as motivações da editora e do organizador da coleção, assim como visualizar os direcionamentos específicos de leitura e o público presumido pelas reedições. Por fim, discutimos alguns impactos dessa mediação para a recepção editorial e para a circulação das obras.

Palavras-chave: coleção Obras reunidas de Hilda Hilst; Editora Globo; mediação editorial; materialidade dos livros; processos de edição.

Mediações e mediadores

Ao discutir o conceito de mediação editorial, Chartier (2002) destaca o quanto os suportes materiais e os atores envolvidos no processo de publicação das obras participam da construção dos significados dos textos. Na mesma linha, Lefevere (2007) ressalta que os processos de edição, por ele considerados como uma das formas de reescritura dos livros, e seus agentes, reescritores, interferem na canonização e recepção das obras literárias. Por meio de vários exemplos voltados aos diferentes tipos de reescritura (como a editorial, a escolar e a da crítica literária), o teórico demonstra o quanto esses processos/agentes manipulam o aparentemente incontornável “curso da história”. Obras

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, 24º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestra em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), e-mail: taynara.iras@gmail.com.

³ Este trabalho é um recorte da minha dissertação de mestrado, intitulada “*E se eu ficasse eterna?*”: um itinerário de reescrituras das obras e das imagens públicas de Hilda Hilst ou um catálogo de edições. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=14232738. Acesso em: 05 out. 2024.

e autores tidos como não “literários” em determinado período podem ser posteriormente legitimados como “literários” ou mesmo incorporados ao cânone, assim como o contrário, ou, ainda, certos autores conhecidos em seus contextos de publicação podem ter seus nomes apagados da historiografia, sendo recuperados (quando o são) apenas algum tempo depois.

A partir do que analisa Lefevere (2007), pode-se dizer que as modificações das obras via edição ocorrem por três motivos principais: natureza pessoal, considerando-se interferências do próprio autor; questões ideológicas; e, ainda, aspectos mercadológicos. Neste caso, há ainda de se considerar que o livro é um objeto de dupla face (mercadoria e significação), conforme Bourdieu (1996). Isso porque, transformado em produto, ele adquire valor de mercado, respondendo tanto às especificidades do campo literário quanto às necessidades do campo editorial, ambos sujeitos a pressões externas – apesar de possuírem lógicas próprias.

Em coleções de livros assinadas por especialistas, afora os agentes convencionalmente envolvidos no processo, o organizador passa a exercer papel fundamental na mediação editorial. Como afirma Toledo (2010), nesses casos, o organizador atua como legitimador da seleção e do modo de organização estabelecido, convencendo o público-alvo de que a edição é confiável e atende ao objetivo proposto. Ainda segundo a estudiosa, “na materialidade do livro e nos dispositivos editoriais constitutivos da coleção, torna-se possível reconhecer estratégias que prescrevem leituras e modos de ler aos seus diferentes públicos” (Toledo, 2010, p. 140). Nesse sentido, também podemos aplicar, para a análise de uma coleção de livros, a perspectiva de texto como artefato verbal e evento cultural, conforme proposição de Teixeira (2003). Ao considerar que “as obras de arte não existem sem enquadramento num sistema de referência interpretativa” (Teixeira, 2003, p. 63), a discussão feita pelo teórico é produtiva para refletirmos sobre como os mecanismos adotados nas edições dos livros intervêm na construção de seu contexto, em vez de serem apenas influenciados por ele.

Partindo dessas perspectivas é que buscaremos analisar o contexto, a materialidade e outras escolhas editoriais adotadas nos volumes impressos da coleção “Obras reunidas de Hilda Hilst”, publicada pela Editora Globo entre 2001 e 2008, em comparação à primeira edição dos livros. Isso a fim de identificarmos as modificações (ou reescrituras editoriais) realizadas nas reedições e suas possíveis motivações (pessoais, ideológicas ou mercadológicas), discutindo alguns impactos desse tipo de mediação para

a recepção editorial e para a circulação das obras – especialmente no meio acadêmico. Tal averiguação terá como foco os elementos paratextuais dessas edições, aqueles por meio dos quais “um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e, de maneira mais geral, ao público” (Genette, 2009, p. 9), especialmente os peritextos. Assim, não analisaremos possíveis alterações nos textos principais dos livros.

Contexto de publicação: breve panorama

Segundo Folgueira e Destri (2018), a obra completa de Hilda Hilst (HH) (1930-2004) estava à venda na Casa do Sol – residência da escritora – quando o poeta Bruno Tolentino, um dos autores da Editora Globo, visitou o local, em 2001. O escritor foi quem sugeriu ao recém-contratado *publisher* da editora, Wagner Carelli, a publicação de HH pela casa. Carelli havia sido convidado ao cargo em uma estratégia da editora para se reestabelecer no mercado editorial, tal qual em seu período mais próspero. Nessa época, a antiga casa gaúcha – previamente à sua aquisição em 1986 pela Rio Gráfica, subsidiária do Grupo Globo – consolidava-se pela qualidade técnica de suas traduções e lançamentos de coleções. Em meio às estratégias de Carelli visando resgatar, para a então Globo de São Paulo, esse histórico editorial, estava justamente a detenção “dos direitos autorais sobre obras completas de autores consagrados” (Folgueira; Destri, 2018, p. 196). Dessa forma, a sugestão de Bruno se alinhou a essa perspectiva de aumento de capital simbólico, despertando o interesse do *publisher*. Após negociações, os direitos de publicação das obras completas de HH foram finalmente adquiridos.

Apesar do constante desejo da escritora por um contrato amplo com uma editora com mais alcance de distribuição, isso só aconteceu pouco antes do seu falecimento, ocorrido em 04 de fevereiro de 2004. No período, HH também já se encontrava bastante debilitada, em virtude de um acidente vascular cerebral em 1996 e de várias pequenas isquemias cerebrais posteriores. As primeiras publicações da Globo foram lançadas ainda em 2001, mas HH não pôde ver a conclusão das edições, em 2008. Previamente à decisão da Globo, a escritora continuava com defasada recepção editorial e, conseqüentemente, dificuldade para distribuição de suas obras ao público. Com a publicação de sua tetralogia licenciosa⁴ no início dos anos 1990 – que gerou várias polêmicas pelo teor e pela

⁴ Composta pelos seguintes livros: *O caderno rosa de Lori Lamby* (1990), *Contos d’escárnio. Textos grotescos* (1990), *Cartas de um sedutor* (1991) e *Bufôlicas* (1992).

performática declaração da escritora de que abandonaria a literatura “séria” e passaria a escrever pornografia para ganhar dinheiro e ser lida –, essa recepção não se alterou de imediato⁵, e HH seguia com poucos ganhos no campo econômico e com contratos de edição pontuais.

Todavia, o nome e as imagens públicas da escritora se tornavam cada vez mais difundidos, ainda que por vezes de forma controversa. Após 50 anos de intensa produção literária, a despeito das mencionadas dificuldades editoriais, a escritora chega no ano 2000 já legitimada a partir de diversas instâncias, como: por meio de dois Prêmios Jabuti, entre outros; pela tradução no exterior de algumas de suas obras nos anos 1990; pelo reconhecimento por alguns renomados críticos literários (apesar de não tão volumosos); e pela publicação de uma edição exclusiva sobre ela, em 1999, nos *Cadernos de Literatura Brasileira*. Desse modo, é importante salientarmos que a Globo não decide reeditar as obras completas de HH em qualquer momento, mas sim quando a escritora acumula um nível de capital simbólico bastante alto, já, de certa forma, consagrada no campo literário.

Afora a perspectiva da transferência do capital simbólico já estabelecido da escritora para a editora, outro principal fato também parece ter contribuído para a edição: o aumento do interesse acadêmico em relação à HH, como pontuado por Pratavieira (2017). A pesquisadora destaca a importância da ampliação das redes institucionais nas áreas de Letras e Artes a partir dos anos 2000 para o incremento da consagração de HH. Esse aumento do interesse acadêmico também se relacionaria à difusão do acesso à internet, além de, como mencionado por Pécora (2018), às mudanças dos critérios críticos em vigor e à maior adesão aos estudos culturais, entre outros aspectos. Outro ponto teria sido a compra da primeira parte do acervo pessoal da escritora pelo Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulalio” (CEDAE), na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em meados dos anos 1990, o que, segundo Britto (2011), impactou no crescimento da recepção acadêmica da obra da escritora, bem como para que se consolidasse a crença no valor de sua produção e de seu nome.

Além, evidentemente, de significar que já havia um público ao qual direcionar as edições, o aumento desse interesse acadêmico não deixa de ser outra forma de a editora adquirir mais capital simbólico. Isso porque o crescimento de pesquisas sobre a escritora

⁵ Cf. IRIAS, 2023, p. 162-209.

significaria não apenas possibilidade de venda dos livros, mas que a editora fosse referenciada nas teses, dissertações, artigos, entre outros produtos acadêmicos. Recolocando todos os livros de HH em circulação mais ampla, a Editora Globo acumula prestígio pela perspectiva da denegação econômica (ao publicar uma autora consagrada, mas que era conhecida por não vender muitos livros), bem como por demarcar significativo espaço no percurso editorial da escritora. A efetividade dessa estratégia é facilmente visualizada nos estudos acadêmicos sobre HH, sendo que as edições da Globo são majoritariamente citadas como fundamentais para viabilizar o acesso às obras gerais de HH a mais público. Nesse sentido, a própria coleção também passa a fomentar ainda mais a acolhida acadêmica das obras, participando da construção do contexto em que se insere.

Para concretizar as publicações das obras completas, a Globo então desenvolve a coleção “Obras reunidas de Hilda Hilst”, com organização e plano de edição de Alcir Pécora, crítico, professor de teoria literária na UNICAMP e amigo de HH. Os estudos divergem sobre quem exatamente teria indicado o nome de Pécora ao *publisher* da Globo, mas aparenta ser consenso de que a ideia não teria partido inicialmente de Carelli. A tal altura, Pécora já tinha um importante papel para a recepção acadêmica de Hilst, tendo sido, por exemplo, diretor do CEDAE na época da compra do acervo pessoal da escritora. Ele aceitou o convite para executar a organização, mas com duas exigências, segundo Folgueira e Destri (2018): que tivesse total liberdade para sua atuação dentro da editora; e que Hilda aceitasse que ele fosse o organizador.

A coleção “Obras Reunidas de Hilda Hilst”

Na coleção “Obras reunidas de Hilda Hilst”, toda a produção de HH – originalmente publicada em 34 livros, entre 1950 e 2000 – foi reorganizada em 20 volumes, com aparato crítico e projeto gráfico padronizados. Segundo Folgueira e Destri (2018), a editora teria previsto, inicialmente, apenas três volumes, entretanto, Pécora teria feito a proposta de mais volumes, a qual foi aprovada. No quadro abaixo, podemos observar como as obras foram organizadas na coleção, em comparação às primeiras edições dos livros.

Quadro 1 – Comparativo entre a organização das obras de HH na coleção “Obras reunidas de Hilda Hilst”, da Editora Globo, e as primeiras edições

Coleção “Obras reunidas de Hilda Hilst” Editora Globo			Primeira edição		
Ano	Título	Gênero	Posição	Ano	Título(s) original(is)
2001	<i>A obscena senhora D</i>	Prosa de ficção	16	1982	Idem. Sem alterações.
2001	<i>Júbilo, memória, noviciado da paixão</i>	Poesia	12	1974	Idem. Sem alterações.
2002	<i>Bufôlicas</i>	Poesia	26	1992	Idem. Sem alterações.
2002	<i>Cartas de um sedutor</i>	Prosa de ficção	25	1991	Idem. Sem alterações.
2002	<i>Kadosh</i>	Prosa de ficção	11	1973	<i>Qadós</i>
2002	<i>Exercícios</i> ⁶	Poesia	29	1995	● <i>Cantares do sem nome e de partidas</i>
			17	1983	● <i>Cantares de perda e predileção</i>
			4	1959	● <i>roteiro do silêncio;</i>
			5	1960	● <i>Trovas de muito amor para um amado senhor;</i>
			6	1961	● <i>Ode fragmentária;</i>
			7	1962	● <i>Sete cantos do poeta, (sic) para o anjo;</i>
			8	1967	● <i>Trajatória poética do ser (I) (in Poesias (1959/1967));</i>
			8	1967	● <i>Odes maiores ao pai (in Poesias (1959/1967));</i>
			8	1967	● <i>Iniciação do poeta (in Poesias (1959/1967));</i>
			8	1967	● <i>Pequenos funerais cantantes ao poeta Carlos Maria de Araújo (in Poesias (1959/1967));</i>
8	1967	● <i>Exercícios para uma ideia (in Poesias (1959/1967)).</i>			
2002	<i>Contos d’escárnio. Textos grotescos</i>	Prosa de ficção	24	1990	Idem. Sem alterações.
2003	<i>Da morte. Odes mínimas</i>	Poesia	14	1980	da morte. odes mínimas
2003	<i>Baladas</i>	Poesia	1	1950	● <i>Presságio: poemas primeiros</i>
			2	1951	● <i>Balada de Alzira</i>
			3	1955	● <i>Balada do festival</i>
2003	<i>Fluxo-floema</i>	Prosa de ficção	10	1970	Idem. Sem alterações.

⁶ Essa reunião possui recorte similar ao da reunião *Poesias (1959/1967)*, publicada por HH em 1967. Contudo, apresenta as obras de forma reordenada.

Coleção “Obras reunidas de Hilda Hilst” Editora Globo			Primeira edição		
Ano	Título	Gênero	Posição	Ano	Título(s) original(is)
2003	<i>Rútilos</i> ⁷	Prosa de ficção	13	1977	● <i>Pequenos discursos. E um Grande (in Ficções)</i> ;
			28	1993	● <i>Rútilo nada (in Rútilo nada. A obscena senhora D. Qadós)</i>
2004	<i>Tu não te moves de ti</i>	Prosa de ficção	15	1980	Idem. Sem alterações.
2004	<i>Do desejo</i>	Poesia	27	1992	<i>Do desejo</i> (reunião de títulos) ⁸
2005	<i>O caderno rosa de Lori Lamby</i>	Prosa de ficção	23	1990	Idem. Sem alterações.
2005	<i>Poemas malditos, gozosos e devotos</i>	Poesia	18	1984	Idem. Sem alterações.
2006	<i>Com os meus olhos de cão</i>	Prosa de ficção	20	1986	<i>Com os meus olhos de cão e outras novelas</i> ⁹
2006	<i>Estar sendo. Ter sido</i>	Prosa de ficção	30	1997	Idem. Sem alterações.
2007	<i>Cascos & carícias & outras crônicas</i> ¹⁰	Crônica	31	1998	<i>Cascos & carícias: crônicas reunidas</i> (1992 – 1995)
2008	<i>Teatro completo</i> ¹¹	Teatro	9	1970	<i>O verdugo</i>
			33	2000	<i>Teatro reunido – volume 1</i>

Fonte: Elaborado pela autora.

Nas três primeiras colunas do quadro, estão identificados os volumes publicados na coleção da Globo, detalhando-se: ano de publicação (por ordem cronológica, quando possível)¹², título e gênero dos livros. Nas três últimas colunas, temos as informações

⁷ *Rútilos* (2003) foi uma reunião inédita dos títulos *Pequenos discursos. E um Grande* e *Rútilo nada*, ambos publicados originalmente nas reuniões *Ficções* (1977) e *Rútilo nada. A obscena senhora D. Qadós* (1993), respectivamente.

⁸ Trata-se da reedição de uma reunião preparada por HH, na qual estão agrupados os seguintes livros, os quais não foram publicados isoladamente pela Globo, apesar de alguns deles terem circulado em volumes autônomos em suas primeiras edições: i) *Do desejo (in Do Desejo, 1992)*; (ii) *Da noite (in Do Desejo, 1992)*; (iii) *Amavisse*; (iv) *Via espessa (in Amavisse, 1989)*; (v) *Via vazia (in Amavisse, 1989)*; (vi) *Alcoólicas* (1989); e (vii) *Sobre a tua grande face* (1986). Seguindo a nossa estruturação, *Amavisse* (1989) foi publicado na posição 21; *Alcoólicas* (1989) na posição 22; e *Sobre a tua grande face* (1986) na posição 19.

⁹ Na edição original, publicada em 1986, junto ao título *Com os meus olhos de cão* (inédito à época), foram republicados *A obscena senhora D* (1982), *Tu não te moves de ti* (1980) e textos de *Qadós* (1973) e de *Fluxo-Floema* (1970).

¹⁰ A edição *Cascos & carícias & outras crônicas* (2007) da Globo engloba, além das crônicas publicadas na edição de 1998, da Nankin, seleção ampliada das crônicas publicadas no jornal *Correio Popular*, de Campinas, além de dois textos inéditos e um terceiro, originalmente publicado em uma revista de literatura.

¹¹ Do total de oito peças de teatro escritas por HH, apenas cinco foram publicadas em livro previamente à edição de *O Teatro completo* (2008), da Globo. Assim, em tal edição, as peças *As aves da noite*, *O novo sistema* e *A morte do patriarca* eram inéditas em livro.

¹² Para a ordenação dos livros publicados nos mesmos anos, consideramos duas fontes principais: a ordem em que os livros são listados no verso da folha de guarda das edições, na relação de títulos das “Obras reunidas de Hilda Hilst”; e a indicação feita na “Nota do organizador” de cada edição acerca do número dos volumes na coleção. Isso porque, na relação contida no verso da folha de guarda das edições, os livros estão listados a partir da sua classificação (em prosa, poesia e teatro) e não pela ordem geral de publicações, o que se repete em diversas das demais fontes consultadas, como

acerca da primeira edição dos livros, permitindo-nos realizar algumas comparações. Em tais colunas, estão indicados: a posição do(s) título(s) na ordem geral¹³ de publicação das primeiras edições; o ano de publicação; e o(s) título(s) original(is)¹⁴, sendo que, quando não houve alteração, indicamos que o título é o mesmo (“Idem. Sem alterações”) e, nas situações em que a Globo efetuou uma reunião dos livros, listamos em tópicos os títulos das publicações originais.

Ao examinarmos, em tal quadro, os livros da coleção em contraste com as primeiras edições, identificamos significativas mudanças na organização das obras. Como principais exemplos, podemos citar: a modificação na ordem de publicação dos títulos; a publicação, em volume autônomo, de obras antes apresentadas em reuniões; o agrupamento de obras antes individuais, as quais foram lançadas em reuniões sob novo título; a supressão de determinados peritextos originais das primeiras edições; e a inserção de aparato crítico padronizado e direcionado, entre outras alterações. Essas escolhas editoriais divergentes do que foi realizado nas versões originais são, no entanto, na maioria explicadas pelo próprio Pécora nos textos da “Nota do organizador” inseridos na abertura de cada volume, assim como em entrevistas e em outras obras. Analisando essas justificativas em conjunto e em associação às alterações, podemos visualizar que o organizador tinha perspectivas bem direcionadas acerca de qual tipo de reescritura das obras e da imagem de HH gostaria de efetuar no campo literário, via edição dos livros, e qual era o público que presumia.

Sobre as obras, duas motivações ideológicas principais guiam diversas dessas modificações: o desejo de que os leitores compreendessem o obsceno como temática que perpassa toda a produção de HH (e não livros específicos); e a reincorporação dos livros da tetralogia licenciosa da escritora à sua produção geral, eliminando a divisão entre obra “séria” (aquela que não contempla a tetralogia) e “pornográfica” (a tetralogia). Para tanto, Pécora também se vale ostensivamente das “Notas do organizador” de cada volume,

no livro *Por que ler Hilda Hilst* (2010). Todavia, para alguns títulos publicados nos mesmos anos, não foi possível identificarmos a ordem exata de publicação, o que não impacta, contudo, o escopo da nossa análise.

¹³ Essa ordem geral é aproximada, haja vista que, em alguns casos de títulos publicados no mesmo ano, apesar de variadas consultas, também não foi possível confirmarmos a exata ordem de divulgação.

¹⁴ Ao contabilizarmos, na coluna “Título(s) original(is)”, as primeiras edições equivalentes aos livros da coleção da Globo, notamos, inclusive, uma diferença na quantidade total de obras: encontramos 29 títulos de livros (em sua materialidade), sendo que havíamos observado 34 primeiras edições. Essa desproporção, no entanto, não significa que a Globo não tenha reeditado todos os livros de HH que já tinham sido publicados. Esse número é explicado por duas questões: pela opção do organizador pela reedição da reunião *Do desejo* (1992), em contraposição à publicação dos títulos individuais; e pelo fato de não se contemplarem a reunião *Poesia (1959/1979)* (1980) e a antologia *Do amor* (1999) na coleção, uma vez que ambas as obras não possuem títulos que não tenham circulado em outros volumes.

justificando sua proposta e possíveis mal-entendidos, bem como fornecendo novas chaves de leitura.

Um dos exemplos que ilustra bem essas motivações é a decisão acerca da ordem de lançamento dos livros na coleção. O livro escolhido para iniciar as publicações, ainda em 2001, foi o *A obscena senhora D*, que havia sido o 16º lançado por HH, publicado originalmente em 1982 pela Massao Ohno Editor (em coedição com Roswitha Kempf). Sobre a opção por esse livro, o organizador demonstra duas perspectivas principais: a concepção de que essa seria a obra mais potente de HH e, portanto, mais adequada para abrir a coleção; e o desejo de, definitivamente, não iniciar as publicações com os títulos da tetralogia, visando, segundo ele, não prejudicar a compreensão acerca da obscenidade na obra de HH. Tendo esse mesmo objetivo, ele também alterou a sequência de publicação dos livros da tetralogia, desconsiderando, além da ordem, a publicação conjunta dos quatro títulos, como explica em *Por que ler Hilda Hilst* (2010). Em suas palavras, “antes de mais nada, pois, trata-se de não considerar tal série como excrescente ou estranha ao corpo de sua literatura séria” (Pécora, 2002a, p. 7).

Em relação aos leitores, Pécora fala para um público presumido específico: o acadêmico. Como crítico e professor universitário, percebemos que ele busca, em diversos momentos, despertar o interesse de novos pesquisadores acerca da obra de HH, a partir dos direcionamentos e reconfigurações que fornece na edição das obras. Isso fica visível no aparato crítico incluído na coleção, tanto pelas escolhas lexicais quanto temáticas, muitas vezes ressaltando-se elementos (ou assuntos) mais característicos dos estudos literários. Como exemplos, podemos citar a abertura de *Cantares* (2002), quando Pécora menciona que “o interesse principal da reunião é o de trazer para o primeiro plano de leitura a maneira como Hilda se aplica à forma dos *cantares*, ou *cânticos*” (Pécora, 2002b, p. 7); e a de *Do desejo* (2004), quando o organizador menciona que o livro “traz consigo possibilidades semânticas interessantes de cruzamento [entre as obras que o compõem], que o tornam verdadeiramente um livro novo, único” (Pécora, 2004, p. 8). Ainda, em vários momentos, o crítico faz referência a um público mais especializado. Em *A obscena senhora D* (2001), por exemplo, ele fala da apresentação da obra aos “leitores potenciais, capazes dela” (Pécora, 2001, p. 11).

Adicionalmente, devemos considerar a inclusão, nas edições, de outros peritextos que contribuem para a acolhida dos títulos, especialmente acadêmica, como: relação de obras de HH publicadas à época (organizadas por gêneros literários); bibliografia

selecionada sobre a escritora; e cronologia¹⁵. Inseridos ao final de todas as edições, os materiais são bastante produtivos (considerando o limite temporal que abrangem), ofertando informações variadas e úteis a diversos tipos de estudos sobre a obra de HH. Por meio desse material, assim como dos demais que compõem o aparato crítico dos volumes, verificamos que há um movimento de reconstituição da produção da (e sobre a) escritora no período, assim como de reforço do seu capital simbólico. Afinal, os peritextos também passam a mensagem de que aquela é uma escritora com produção vasta e já legitimada via traduções, prêmios, estudos acadêmicos, entre outros. Cabe ainda mencionarmos que todos os prefácios/posfácios originais das primeiras edições dos livros foram substituídos pela “Nota do organizador” e por esse aparato incluído ao final dos volumes. A exceção é o posfácio de o *Teatro reunido – volume 1* (2001), publicado pela Nankin Editorial, mantido na edição de o *Teatro completo* (2008), da Globo.

Sobre as imagens públicas de HH, o organizador apresenta uma postura bastante rigorosa em busca de dissociá-las da obra da escritora, especialmente as mais polêmicas, a exemplo daquela da escritora como a “santa que levantou a saia”, muito fomentadas com publicação de *Amavisse* (1989) e da tetralogia no início dos anos 1990. Segundo Duarte (2014), os leitores, por vezes, tinham mais acesso às performáticas entrevistas de HH e ao que era escrito a seu respeito do que à sua obra, o que teria propiciado um crescimento mais elevado do imaginário sobre a escritora do que sobre sua produção literária. Assim, com o intuito de mudar esse cenário e de amenizar o viés polêmico da série licenciosa, Pécora não só atua no aparato crítico inserido nos livros, mas também na supressão de importantes peritextos das primeiras edições. Esse é o caso das irônicas e transgressoras contracapas de *Amavisse* (1989), o último livro declarado como “sério” pela escritora, e de *O caderno rosa de Lori Lamby* (1990a; 1990b), primeiro dos quatro da tetralogia licenciosa.

No caso de *Amavisse* (1989), diferentemente da primeira edição, ele não foi reeditado em volume autônomo pela Globo, tendo sido incluído apenas na reunião *Do desejo* (2004). Com isso, o poema de HH de “despedida à literatura séria”, originalmente inserido na quarta capa da primeira edição (vide figura 1, abaixo), não foi mantido (figura 2). Considerando a importância desse poema para a compreensão do projeto literário de HH relacionado à tetralogia, ao suprimi-lo, perdem-se significativamente a potência e o

¹⁵ Tanto a cronologia quanto as bibliografias são identificadas nas edições como estabelecidas/organizadas por Edson Costa Duarte e José Luís Mora Fuentes.

histórico dessa estratégia mobilizada pela escritora via peritexto do livro. Isso porque, na edição da Globo, esse poema não é sequer mencionado. O mesmo ocorre com a reedição de *O caderno rosa de Lori Lamby* (2005), não se mantendo a fotografia de HH ainda criança junto à frase “Ela foi uma boa menina” (Hilst, 1990a; 1990b), antes incluídas na quarta capa das duas primeiras edições do título¹⁶. Apesar das motivações do organizador, entendemos que, rígida, a proposição por dissociar as imagens de HH de sua obra causa, em casos como os citados, prejuízo às próprias obras, que se ligam potencialmente aos biografemas¹⁷ inseridos nesses títulos. Seria necessário, talvez, uma perspectiva um pouco mais maleável.

Figura 1 – Capa, lombada e quarta capa da 1ª edição de *Amavisse* (1989)

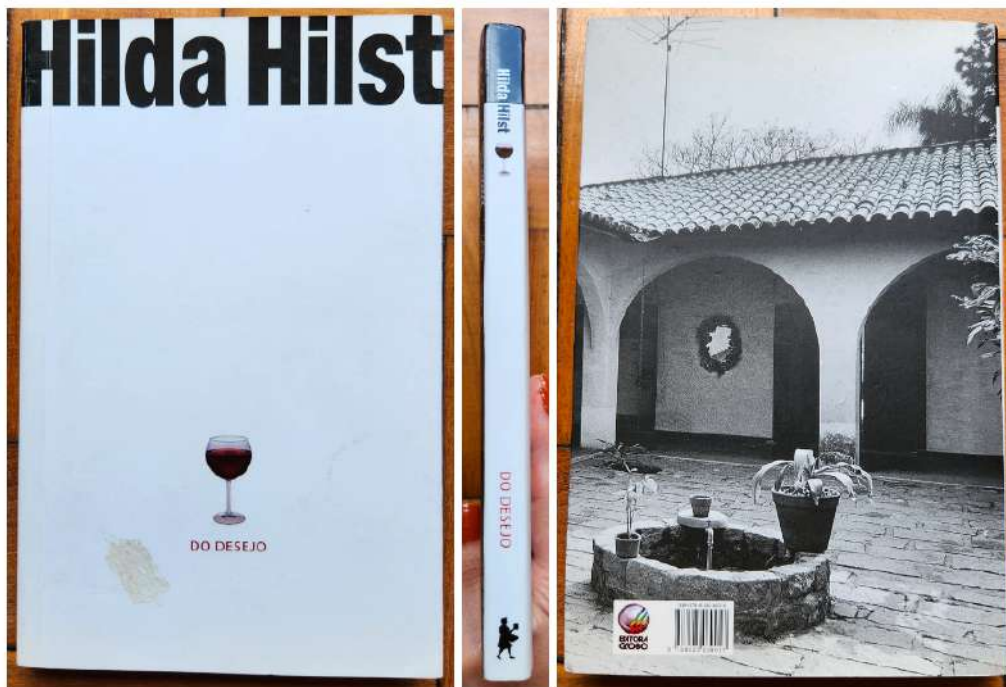


Fonte: Acervo pessoal.

¹⁶ Cf. mais detalhes acerca das reescrituras das imagens de Hilda Hilst nas reedições de *O caderno rosa de Lori Lamby* em: IRIAS, 2022.

¹⁷ É Borges (2013) quem primeiro propõe a utilização do conceito de biografemas, de Roland Barthes, para se referir ao processo de inserção, por HH, de fragmentos mínimos de sua biografia nas obras e nos peritextos das edições dos livros, visando angariar novas significações ao texto.

Figura 2 – Capa, lombada e quarta capa da reedição da reunião *Do desejo* (2004), em que se encontra, na coleção da Editora Globo, o volume *Amavisse*



Fonte: Acervo pessoal.

Nos peritextos mais publicitários dos volumes da coleção, como contracapas, orelhas e capa, observamos que também não há destaque às imagens mais transgressoras de HH, optando-se por uma linha de edição mais neutra – todas seguem o mesmo padrão observado na figura 2. Esses elementos, no entanto, reforçam uma imagem pública bem conhecida de HH: a da escritora que se recolheu na Casa do Sol. Dentre as imagens circulantes, trata-se daquela que, de certa forma, mais se aproxima do objetivo de evidenciar a obra da escritora, em contraposição à sua figura. O destaque à Casa do Sol, com fotografias de tal espaço inseridas nas quartas capas de todos os livros, é um exemplo nessa linha, contribuindo tanto para ênfase à imagem supramencionada quanto para a compreensão de tal lugar como um arquivo – o que dialoga com um interesse do público presumido pelas edições.

Adicionalmente, em tais peritextos mais publicitários, também observamos que é dado mais destaque ao nome da escritora, em comparação ao nome do livro, sendo possível também verificarmos a participação mais explícita da editora na composição desses elementos. Dessa maneira, por mais que Pécora tenha indicado a autonomia total para a organização da coleção, o resultado das edições revela, inevitavelmente, o imbricamento das posições e tomadas de posição do organizador e da editora.

Observamos que, de fato, foi dada uma vasta liberdade ao crítico, mas essa autonomia também se associou ao alinhamento das suas perspectivas ao estado de campo e à política editorial da Globo naquele momento.

Motivações, recepção editorial, circulação: alguns apontamentos finais

Retomando os três tipos de motivações (pessoal, ideológica e mercadológica) de reescrituras pontuadas por Lefevere (2007), podemos dizer que, nas reedições da obra de HH pela coleção da Globo, observamos especialmente motivações ideológicas e mercadológicas. Ideológicas principalmente por Pécora, que tinha bem definidos os direcionamentos de leitura que pretendia fomentar acerca da obra de HH, em detrimento da atenção às imagens da escritora. Mercadológicas pela editora que, mesmo em um direcionamento inicial mais voltado a um ciclo de produção longo, não deixava de visar um mercado acadêmico e mais simbólico. No que diz respeito às motivações pessoais da escritora, apesar de observarmos algumas situações, como a solicitação de mudança do título de *Qadós* (1973) para *Kadosh* (2002) e a concordância com o plano de organização da coleção por Pécora, tratava-se de um período em que ela havia decidido não mais participar tão ativamente das edições, tendo falecido antes do término das publicações.

No que diz respeito ao percurso editorial das obras de HH no Brasil, é a partir da coleção da Globo que podemos dizer que se começa a visualizar uma virada mais efetiva nesse tipo de recepção. Isso, no entanto, não é tão imediato quanto parece: depois do lançamento do último volume da coleção, há uma lacuna de praticamente quatro anos sem novas publicações, o que possivelmente se relacionou a questões mercadológicas. Segundo Alves (2012), o projeto de Carelli para reestabelecimento do catálogo da Globo, com altos custos e pouca previsão de lucros financeiros a curto prazo, “parece ter abalado a confiança dos dirigentes da empresa no audacioso *publisher*: Carelli foi demitido em dezembro de 2001” (Alves, 2012, p. 120). A partir dos anos 2010, observamos que a Globo, ainda com contrato vigente para publicação das obras de HH, inclusive muda sua estratégia editorial, adotando uma perspectiva mais comercial, com edições bastante diferentes daquelas da coleção, o que reitera o viés mercadológico da editora.

Finalmente, não obstante as ressalvas sobre algumas das decisões editoriais, é indiscutível a contribuição da coleção organizada por Pécora para a apresentação de uma multiplicidade de perspectivas acerca da produção hilstiana, em um período de ainda

muita dispersão. Ademais, a organização parece ter acertado em seu público-alvo naquele momento. A quantidade de trabalhos críticos sobre a obra da escritora aumenta significativamente a partir de 2002, conforme analisado por Pécora (2018). Como mencionado, esse aumento já vinha sendo demonstrado. No entanto, pelo potencial legitimador e de circulação das obras, a coleção faz parte importante desse movimento. Vale lembrarmos, nesse caso, que as práticas de reescritura são inter-relacionadas. Assim como o crescimento do interesse acadêmico quanto às obras influencia a decisão de edição dos livros da escritora pela Globo, as reedições da editora e o acesso mais facilitado às obras influenciam o aumento de estudos sobre HH, bem como o interesse de outras editoras em incorporarem as obras de Hilst aos seus catálogos. Isso se alinha também à perspectiva de Teixeira (2003), sendo possível demonstrarmos que, recolocadas no campo literário em nova perspectiva editorial, essas reedições não só se inserem em dado contexto, mas também participam da construção dele.

A influência de Pécora para a fortuna crítica de HH é tão significativa que, em entrevista recente, o próprio crítico sugeriu que os pesquisadores se desprendessem das análises dele sobre a escritora para que identificassem aspectos novos: “você têm que esquecer um pouco as coisas que eu disse ou coisas parecidas e entrar nesse jogo, não pensar em ficar criando paradigmas acadêmicos sobre a Hilda” (Pécora, 2024, p. 210). É claro que, nesse caso, o teórico não estava se referindo diretamente e apenas à coleção que organizou e ao aparato crítico nela inserido, mas é certo que esse material constitui parte importante do que ele produziu sobre HH. Tal observação reforça o quanto os processos editoriais e seus agentes podem influenciar a leitura dos textos e as imagens que fazemos dos autores e suas obras. Um olhar mais atento a isso possibilita interpretações menos ingênuas e mais abrangentes. Não se trata, assim, de se desviar da mediação editorial, mas de ter consciência dos papéis por ela exercidos.

Referências

ALVES, Mariana Garcia de Castro. *Hilda Hilst – respiros: uma experiência de divulgação*. 2012. 144 f. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) – Instituto de Estudos da Linguagem, Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

BORGES, Luciana. *O erotismo como ruptura na ficção brasileira de autoria feminina: um estudo de Clarice Lispector, Hilda Hilst e Fernanda Young*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2013.

-
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BRITTO, Clovis Carvalho. *A economia simbólica dos acervos literários: itinerários de Cora Coralina, Hilda Hilst e Ana Cristina César*. 2011. Tese (Doutorado em Sociologia), Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Tradução Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- DUARTE, Edson Costa. A recepção da literatura de Hilda Hilst. *Palimpsesto - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, [s.l.], v. 13, n. 18, p. 135-145, jun. 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/34894>. Acesso em: 07 abr. 2022.
- FOLGUEIRA, Laura Santos; DESTRI, Luisa. *Eu e não outra: a vida intensa de Hilda Hilst*. São Paulo: Tordesilhas, 2018.
- GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. Tradução Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- HILST, Hilda. *Amavisse*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1989.
- HILST, Hilda. *Do desejo*. São Paulo: Globo, 2004.
- HILST, Hilda. *O caderno rosa de Lori Lamby*. 1. ed. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1990a.
- HILST, Hilda. *O caderno rosa de Lori Lamby*. 2. ed. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1990b.
- HILST, Hilda. *O caderno rosa de Lori Lamby*. São Paulo: Globo, 2005.
- IRIAS, Taynara do Nascimento. As reescrituras das imagens de Hilda Hilst nas edições do livro *O caderno rosa de Lori Lamby*. In: 45º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 2022, João Pessoa. *Anais [...]*. São Paulo: Intercom, 2022. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0802202200401762e89ca19c2bf.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2024.
- IRIAS, Taynara do Nascimento. “*E se eu ficasse eterna?*”: um itinerário de reescrituras das obras e das imagens públicas de Hilda Hilst ou um catálogo de edições. Orientadora: Paula Renata Melo Moreira. 2023. 525 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=14232738. Acesso em: 05 out. 2024.
- LEFEVERE, André. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Tradução Cláudia Matos Seligmann. Bauru: EDUSC, 2007.
- PÉCORA, Alcir. Hilda Hilst sob o signo da genialidade e da insubmissão: uma entrevista com Alcir Pécora e Eliane Robert Moraes. [Entrevista cedida a] Aline Leal Fernandes Barbosa, Aline Novais de Almeida e Andréa Jamilly Rodrigues Leitão. *Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais*, Iporá, v. 13, n. 2, p. 192-211, 2024. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/sapiencia>. Acesso em: 03 jun. 2024.

PÉCORA, Alcir. Nota do organizador. *In: HILST, Hilda. A obscena senhora D.* São Paulo: Globo, 2001.

PÉCORA, Alcir. Nota do organizador. *In: HILST, Hilda. Cantares.* São Paulo: Globo, 2002b.

PÉCORA, Alcir. Nota do organizador. *In: HILST, Hilda. Cartas de um sedutor.* São Paulo: Globo, 2002a.

PÉCORA, Alcir. Nota do organizador. *In: HILST, Hilda. Do desejo.* São Paulo: Globo, 2004.

PÉCORA, Alcir. Notas sobre a fortuna crítica de Hilda Hilst. *In: DINIZ, Cristiano. Fortuna crítica de Hilda Hilst: levantamento bibliográfico atualizado (1949-2018).* Campinas: Unicamp/IEL/Setor de Publicações; Unicamp/IEL/CEDAE, 2018.

PÉCORA, Alcir (org.). *Por que ler Hilda Hilst.* São Paulo: Globo, 2010.

PRATAVIEIRA, Eliza. *Rútilo nada de Hilda Hilst: da escrita performática à performatividade da cena.* 2017. 146 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Centro Universitário Campos Andrade, Curitiba, 2017.

TEIXEIRA, Ivan. Literatura como imaginário: introdução ao conceito de poética cultural. *Revista Brasileira: revista da Academia Brasileira de Letras*, [Rio de Janeiro], v. 10, n. 37, p. 43-67, out./dez. 2003. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/001362669.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2024.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. A Companhia Editora Nacional e a política de editar coleções: entre a formação do leitor e o mercado de livro. *In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (orgs.). Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros.* São Paulo: Editora Unesp, 2010.